

PREFÁCIO

O texto que vai ler-se a seguir, apesar de ter como título *D. Sebastião – Rei de Portugal* não é mais um livro sobre a vida do malogrado e insaciável monarca, tantas vezes glosada, apreciada e contestada. No entanto, não é totalmente uma obra de História, porque muitos dos pormenores do reinado de D. Sebastião não estão presentes no texto, nem completamente um romance histórico, porque o seu grande número de notas – 361 no total – faz prova do carácter factual e fidedigno da narrativa.

Contudo, há efectivamente um protagonista. E que personagem! Basta dizer que D. Sebastião é o rei que mais tinta tem feito correr, antes, durante e depois da sua vida real. Foi cantado pelos poetas antes de nascer e durante a meninice, o seu reinado originou maços de correspondência, e depois do seu desaparecimento centenas de obras se publicaram e se publicam ainda. Todas as artes já se ocuparam da sua figura, de todos os nomes já foi apodado, tem gerado guerras literárias e ideológicas, originou teorias filosóficas e transformou-se em idiossincrasia de um povo. Que personagem, pois!

No entanto, e apesar de tudo isto, viveu como ser humano, nos seus vinte e quatro anos de existência, com defeitos, virtudes, desvios, ideais, arrogâncias, vaidades e fantasias. Por isso, antes de ser rei e de se tornar em Mito, foi criança, adolescente e homem. Assim, um dos primeiros aspectos que se devem referir sobre ele é essa sua faceta humana, em que aparece, como qualquer pessoa, a viver a sua evo-

lução num determinado contexto. Ora é disso mesmo que a obra de Antonio Villacorta Baños-García dá conta. Aquilo a que vamos assistir, pois, é a uma personalidade evoluindo num espaço e num tempo, integrada num contexto humano, familiar, educacional, emocional e realengo. E para isso, era necessário incluí-lo no ambiente da sua família, o que se faz de modo sistemático pela primeira vez.

É assim que nesta obra aparecem em relevo, ao mesmo nível do protagonista D. Sebastião, as figuras importantíssimas da mãe, D. Joana de Áustria, do tio, Filipe II, da avó, D. Catarina, do primo, D. Carlos, dos educadores, Luís e Martim Gonçalves da Câmara, e, em segundo plano, mas não menos destacada pela sua actividade, a figura do embaixador acreditado em Lisboa, D. João da Silva, grande elo de ligação entre Castela e Portugal, através das múltiplas citações das suas cartas. D. Sebastião surge assim como parte de um todo na intimidade familiar, rejeitando-a ou integrando-a, mas sobretudo incluído no ambiente que proporcionou, para além da sua própria idiossincrasia, a formação – ou deformação – da sua identidade.

Há, sobretudo, no desenvolvimento desta obra, a chamada de atenção para os aspectos íntimos e pessoais, que não são visíveis na aparência exterior que pressupõe a figura do rei. Concluimos assim que D. Sebastião é mais objecto que sujeito das circunstâncias – embora o autor não descarte aqui e além uma referência crítica interpretativa da personalidade do Desejado/Encoberto. Mas fá-lo de modo deveras pessoal e inteligente com um estilo muito próprio: quando tem dúvidas, interroga-se e, no sentido estrito do termo, faz as perguntas que deixam ao leitor a possibilidade de tirar as suas conclusões. Antonio Villacorta demonstra, ao longo da obra, aquilo que anunciara na Introdução: acercar-se da figura de D. Sebastião «numa atitude aberta e indagadora, sem preconceitos de nenhuma espécie, nem elementos condicionantes». E ainda bem, já chegam 450 anos de interpretações ideológicas, pessoais ou facciosas para explicar talvez o inexplicável, ou o absurdo de uma existência como foi a do décimo sexto rei de Portugal. Nesse sentido, é muito interessante notar que, ao longo da narração – que parece estar construída em «mise en abîme», isto é, a tragédia íntima de D. Sebastião incluída no descalabro da preparação e do desfecho da batalha – à medida que os acontecimentos se desenrolam, o leitor vai verificando que esteve apenas por um fio o

gesto, o acto, a decisão que poderia ir no sentido inverso da derrocada total. E na descrição da batalha de Alcácer-Quibir, fica-se preso a uma angústia impotente ao apercebermo-nos de que teria bastado um quase nada para que Portugal pudesse hoje vangloriar-se de mais uma grande vitória na sua História.

Nesse sentido, o livro de Antonio Villacorta Baños-García está servido – sem que o autor pareça ser disso agente, mas tão-só aproveitador da própria existência de D. Sebastião – por uma técnica narrativa notável que é apanágio da criação literária.

Mas voltando um pouco atrás, ao próprio conteúdo do texto, um dos aspectos que gostaria de salientar é o modo como é feita a descrição dos ambientes, onde se sente o pulsar quente e vivo da existência, ou a pintura dos retratos das personagens, onde se percebe a verosimilhança e a frescura extraordinária dos traços. Chamo a atenção do leitor para as passagens em que se descrevem as relações entre Filipe II e Isabel de Valois, os retratos de D. Joana ou D. Catarina, as descrições das cidades norte-africanas, ou o modo como se percebe por dentro o que se teria passado no espírito de D. Sebastião nos momentos mais cruciais da sua vida. Não sei se o autor é ou não um ficcionista adiado, mas é notório que há nestes momentos descritivos algo da plástica e da íntima relação com as personagens de que unicamente um ficcionista se apercebe. Só que, para não nos deixarmos levar pelas emoções suscitadas, o aparato bibliográfico das notas dá-nos a certeza e a confiança de que é indiscutivelmente de factos e personagens históricas que se está a falar.

Mas – e há sempre um *mas* na engrenagem – quando o autor – espanhol – advoga na Conclusão que, para confirmar ou negar a «farsa» histórica e procurar saber se «ficaria perfeitamente reabilitada a tese oficial», se devia fazer um teste de ADN aos restos mortais do monarca, não estou muito de acordo – eu, português – embora ache a ideia um «ovo de Colombo». Para quê destruir o mito, se é pelo sonho e pela esperança que o povo português vive a sua existência? Deixem-se pois os ossos de D. Sebastião em paz e continuemos nós a progredir com a réstia de sebastianismo que nos impregna e que, afinal, nos faz mover.

INTRODUÇÃO

Poucas vezes uma vida tão breve como a do rei D. Sebastião de Portugal suscitou tanto interesse e controvérsia na história de um país. Viveu só vinte e quatro anos, mas o rasto da sua desastrosa vida permaneceu na recordação colectiva portuguesa com características de autêntica fixação. À primeira vista, não surpreende que assim tenha sido. D. Sebastião era a última esperança de um reino que não queria ser subjugado por outro, hegemónico, como era o hispano. A sua «morte» na batalha de Alcácer-Quibir sem deixar herdeiros trouxe consigo aquilo que com tanto esforço se tinha pretendido evitar: Portugal era anexado pelos reinos hispânicos, graças aos direitos e pressões de Filipe II. Por isso, a morte de D. Sebastião e os acontecimentos que com ela se desencadearam não poderiam ter sido mais dramáticos para o reino.

No entanto, por muito importante que isto seja, por mais significativa que seja a dimensão social e política destes factos, é a própria vida de D. Sebastião, o seu percurso existencial, o seu mundo vital, a sua paixão, que suscita mais interesse, que cativa e atrai. Historiadores, dramaturgos, romancistas e poetas, portugueses e espanhóis, ocuparam-se dele com profusão¹. E alguns compararam-no, com alguma razão, com o igualmente malogrado príncipe D. Carlos, filho de Filipe II e de Maria de Portugal, que era seu primo direito.

D. Sebastião foi filho póstumo de pai, o muito jovem D. João Manuel, príncipe do Brasil. A mãe foi a princesa D. Joana de Áustria, irmã de Filipe II. Mas D. Joana, já sem marido, regressa a Castela

para se ocupar de tarefas de governo na ausência do rei (seria declarada regente), abandonando o filho de poucos meses. Mãe e filho jamais voltariam a ver-se. Por isso, a vida da criança Sebastião não podia ter começado com pior sorte. Não há dúvida, pois, que houve aspectos singulares que configuraram a sua personalidade e a sua vida com algum dramatismo e determinação.

A curta existência de D. Sebastião seria compensada com uma intensidade extrema de vivências e em alguns casos com uma actividade caótica e desmesurada. A sua educação, condimentada por um potente sopro religioso, pôde ao mesmo tempo ir condicionando uma personalidade, forjando um carácter nada propício ao equilíbrio ou à maturidade. D. Sebastião viveu ancorado a uma etapa infantil, e as circunstâncias impediram-no de a superar, de se abrir à consciência de si e à realidade do mundo que o rodeava.

Todos os cronistas da época confirmam que a sua coragem, até nos momentos mais críticos da vida, parecia indeclinável. O impulso fulgurante da sua dignidade régia impunha-se em qualquer situação ou empresa que iniciasse, por mais despropositada que fosse. Buscava e assumia situações de grave risco só pelo prazer da provocação. O perigo, que procurava inutilmente, agitava o seu ânimo de valentia e de grandeza. As serras e os bosques de Sintra, que parecem conferir-nos pequenez e que ele percorreria desde pequeno, tal como os coutos de Almeirim e de Salvaterra, onde cavalgava e caçava, talvez tenham sido os primeiros lugares que encheram a sua alma de ânsias inatingíveis e de sonhos quiméricos, até ao ponto de viver encerrado numa atmosfera de fantasia e imbuído de irrealidade. E África, o apelo de África, seria um chamamento para a sua mente. Como que enfeitiçado pela sua luz e cor, quis começar a conquistá-la, para expandir o reino e para sua própria glória. Com um exército numeroso chegou até lá com o propósito de tomar pela força as primeiras praças. O resultado, como se sabe, não pôde ser mais dramático, e deixou o seu povo prostrado e desvalido. A batalha de Alcácer-Quibir prejudicou gravemente o prestígio e a grandeza do império português.

A sua vida ascética era a de um monge cavaleiro, própria de uma época medieval. Parecia estar vinculado, como fizera o avô, Carlos V, mais ao ritmo do passado do que a um tempo presente. A sua espiritualidade envolveu a sua vida, mas de uma forma extrema e quase

aniquiladora. A sua indiferença pelo sexo feminino foi o resultado desse mundo do espírito omnipresente, como se encarnasse o modelo de uma castidade monástica.

Em suma, a vida de D. Sebastião tem aspectos e ingredientes mais que de sobra para despertar o interesse do historiador, do psicólogo ou do poeta. A sua vida é um mistério de luz e trevas, um clarão de sabor agridoce. E nem sequer agora, depois de tanto tempo, é possível analisá-lo ou julgá-lo com indiferença. Talvez o sebastianismo continue a impregnar a cultura portuguesa. O seu ar melancólico toca-nos, a sua desesperança e lirismo comovem-nos. Que melhor testemunho, pois, de actualidade e de presença!

Este livro tenta abordar de forma integral a figura de D. Sebastião. Acerquei-me dele com uma atitude aberta e indagadora, sem preconceitos de nenhuma espécie, nem elementos condicionantes. Aqui fica o fruto dessa proximidade, o resultado de um longo esforço de investigação, que agora tenho a honra de apresentar ao público português.